

AS AVENTURAS DE ZURETA

Autores: Francisco Silva Júnior e Edmundo Diógenes Saldanha

Coautores: Francisca Regiana Adilino Freire, Wesley Gouveia Saldanha, Nildomar de Lima Rodrigues, Mayane Saldanha Pereira.

I

Zureta é um menino
Muito levado e traquino
Não quer saber de estudar
Vive no zap ou dormindo
A mãe se apega aos deuses
Para mudar seu destino

II

Vez ou outra chega em casa
Mais uma reclamação.
Zureta brigou na rua
Se meteu em confusão
Lá vai a mãe resolver
Com aperto no coração

III

Não fazia muito tempo,
Na escola ele aprontou
Foi pego colando na prova,
Seu erro não aceitou.
Xingou, agrediu a professora
E a direção o expulsou

IV

Três dias ficou em casa
Em nenhum livro pegou
Logo cedo foi pra rua,
Somente a noite voltou.

Quando a mãe o interrogava
Nunca se justificou.

V

Festa, zueira e bebida
Era a sua curtição,
Quando falava em trabalho
Fazia era gozação
Trabalhar, se liga velha!
Isso é pra mim não!

VI

E assim ficou reprovado
Só vendo o tempo passar
No submundo do crime
Começou a se infiltrar.
Multiplicaram-se os problemas
E Zureta a se afundar.

VII

Logo começou fumar
Viciou-se na cachaça
Munido de arma de fogo
Tornou-se o terror da praça
Escrevendo sua história
No caderno da desgraça

VIII

Ao chegar na sua casa
E ver sua mãe amada
Desesperada a cobrar
O porque dessa desgraça
Pede ao filho pra escolher
Sua mãe, ou a cachaça!

IX

Zureta ainda lombrado
Lhe respondeu com rancor
Disse: Mãe eu só escolho
Aquilo que tenho amor
E digo, escolho a cachaça!
Que alivia a minha dor.

X

Com a decisão proferida
Um novo rumo tomou
Sem olhar para o presente
O seu futuro traçou
Renegou a tudo e todos
Até quem tanto o amou

XI

E tudo virou fumaça
Da família se afastou
Aquele menino meigo
Uma fera se tornou
Tornou-se logo um mito
Na terra que lhe criou

XII

Foram muitos que matou
Assaltou a sua gente
Assustando cercania
Se mostrando diferente
Sem saber que se findava
Sua fama de valente

XIII

Bateu num tal de Vicente
Um sobrinho do padeiro
Um rapaz pacato e frágil
Uma espécie de cordeiro
Sem saber que aquele fato
Era seu o ato derradeiro

XIV

O Vicente ao cangaceiro
Disse assim: Ninguém me afronta!
Nunca mexi com ninguém
Bandido não me desmonta
Quem bate em cara de homem
Tem que pagar essa conta.

XV

A zoeira estava pronta
Zureta foi à cintura
Vicente foi mais esperto
Desfez aquela armadura
E ainda quebrou seus dentes
Como arma, a rapadura.

XVI

Depois daquela tortura
Zureta se levantou
Pediu perdão a Vicente
Se ajoelhou e chorou
E desse dia em diante
Outro rumo ele tomou

XVII

Retornou pra sua casa
Sem dente, tudo quebrado
Pediu perdão a sua mãe
Sem jeito, envergonhado
Sua mãe logo o abraçou
Meu filho, tá perdoado!

XVIII

Zureta ficou em prantos
De tudo se arrependeu
Agradeceu a Nosso Senhor
Pela chance que lhe deu
Renasce um novo homem
Aos céus assim prometeu

IXX

E a partir desse dia
A sua vida mudou
Trabalhando honestamente
Os estudos retornou
Sr. Zureta, o cidadão
O exemplo que ficou

XX

Nunca perca a esperança
Se um dia desmoronar
Acredite no trabalho
Nunca deixe de estudar
Cultive os grandes valores
Que nascem dentro do lar.